

## Gramaticalização de pronomes locativos pospostos a SN na fala popular de Salvador-Ba

*Grammaticalization of locative pronouns following noun phrases in the popular speech of  
Salvador-Bahia*

Amanda Almeida de Jesus\*  
Universidade do Estado da Bahia  
Salvador, Bahia, Brasil

Cristina dos Santos Carvalho\*  
Universidade do Estado da Bahia  
Conceição do Coité/Salvador, Bahia, Brasil

**Resumo:** Neste trabalho, apresentamos um recorte da pesquisa de mestrado sobre pronomes locativos, realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudo da Linguagens, da Universidade do Estado da Bahia. Sendo assim, nosso objetivo é analisar os usos – gramaticalizados ou não – dos pronomes locativos *aquí*, *aí*, *ali* e *lá* pospostos a SN na fala popular soteropolitana. Para tanto, utilizamos, como aporte teórico, o funcionalismo linguístico norte-americano, na perspectiva da abordagem clássica da gramaticalização (Hopper, 1991; Hopper; Traugott, 2003 [1993]; Gonçalves et al., 2007 etc.). Do ponto de vista metodológico, para a descrição do nosso objeto de estudo, realizamos uma pesquisa de caráter qualiquantitativo, considerando parâmetros linguísticos, tais como classe gramatical, grau e animacidade do núcleo do SN e pronome locativo. Nosso corpus é composto por dezesseis inquéritos do banco de dados do Programa de Estudos sobre o Português Popular de Salvador – PEPP (Lopes; Souza; Souza, 2009). Quanto aos resultados da análise empreendida, atestamos: (i) cinco padrões funcionais dos pronomes locativos pospostos ao SN – dêitico espacial, fórico (catafórico, anafórico e inferível) e clítico – que remetem a diferentes estágios de gramaticalização desses pronomes; (ii) uma especialização (Hopper, 1991) de cada pronome locativo em um padrão funcional: *aquí* (dêitico espacial); *ali/lá* (fórico anafórico); *aí* (clítico). No padrão clítico (que representa o estágio mais avançado de gramaticalização), o pronome locativo passa a integrar o SN, formando a construção SN + loc, como já demonstrado por Braga e Paiva (2003), Aguiar (2010), Oliveira (2012) e Confessor (2013) para outras variedades do PB (carioca, niteroiense, natalense etc.).

**Palavras-chave:** Funcionalismo. Gramaticalização. Pronomes locativos. Contexto pós SN. Fala Soteropolitana.

**Abstract:** In this work, we present an excerpt from a master's research project on locative pronouns, carried out within the scope of the Postgraduate Program in Language Studies at the State University of Bahia. Therefore, our objective is to analyze the uses – grammaticalized or not – of the locative pronouns *aquí*, *aí*, *ali*, and *lá* placed after noun phrases (NPs) in the popular speech of Salvador. To this end, we used, as a theoretical framework, North American linguistic functionalism, from the perspective of the classical approach to grammaticalization (Hopper, 1991; Hopper; Traugott, 2003 [1993]; Gonçalves et al., 2007 etc.). From a methodological point of view, for the description of our object of study, we carried out a qualitativequantitative

\* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens – PPGEL, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, *Campus* I, Salvador/BA. Mestra em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB. E-mail: amanda.seduc@yahoo.com.

\* Professora Plena da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, *Campus* XIV, Conceição do Coité/BA. Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens – PPGEL, *Campus* I, Salvador/BA. Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e Mestra em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. E-mail: ccarvalho@uneb.br.

research, considering linguistic parameters such as grammatical class, degree, and animacy of the NP head and locative pronoun. Our corpus consists of sixteen surveys from the database of the Program of Studies on Popular Portuguese of Salvador – PEPP (Lopes; Souza; Souza, 2009). Regarding the results of the analysis undertaken, we attest to: (i) five functional patterns of locative pronouns postposed to the NP – spatial deictic, phoric (cataphoric, anaphoric and inferable) and clitic – which refer to different stages of grammaticalization of these pronouns; (ii) a specialization (Hopper, 1991) of each locative pronoun in a functional pattern: here (spatial deictic); there (anaphoric phoric); there (clitic). In the clitic pattern (which represents the most advanced stage of grammaticalization), the locative pronoun becomes part of the noun phrase, forming the construction noun phrase + locative pronoun, as already demonstrated by Braga and Paiva (2003), Aguiar (2010), Oliveira (2012) and Confessor (2013) for other varieties of Brazilian Portuguese (carioca, niteroiense, natalense etc.).

**Keywords:** KEYWORDS: Functionalism. Grammaticalization. Locative pronouns. Post-NP context. Speech from Salvador.

## 1 INTRODUÇÃO

Para o funcionalismo linguístico de vertente norte-americana (Hopper, 1991; Hopper; Traugott, 2003 [1993], Martelotta, 2011 etc.), a língua é tomada como um instrumento de interação social, que se caracteriza por ser uma estrutura maleável (Bolinger, 1977), dinâmica e envolvida em constantes processos de variação e mudança. Tal proposta teórica preconiza o estudo da língua em situações comunicativas reais, atrelando às análises componentes pragmáticos, semânticos e sintáticos.

Dentro das pesquisas funcionais norte-americanas, a mudança linguística tem sido investigada, entre outros enfoques, a partir do que tem sido chamado de paradigma da gramaticalização. Nesse contexto teórico, estuda-se o fenômeno da gramaticalização, entendido como um processo através do qual itens e construções lexicais, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais (Hopper; Traugott, 2003[1993]).

A escolha pelo objeto de análise está diretamente relacionada ao caráter fluido da classe dos advérbios, que no português brasileiro (PB), tem assumido, em distintos contextos morfossintáticos, novas funções gramaticais, além da dêitica espacial. Esse caráter mutável da referida classe foi atestado por diversos trabalhos que enfocaram a gramaticalização de pronomes (adverbiais) locativos (loc)<sup>1</sup> no PB (Martelotta; Rêgo, 1996; Braga; Paiva, 2003; Oliveira; Aguiar, 2009; Aguiar, 2010; Confessor, 2013; Araújo, 2015; Jesus, 2022; dentre outros). Dentre os contextos que têm possibilitado a reanálise categorial dos pronomes locativos, está o seu uso após o sintagma nominal (SN), conforme ilustrado nas ocorrências de (1) a (4):

- (1) Até quando eu, eu estudei em colégio a noite, que quando eu, eu, quer dizer, **esses meninos aqui**, esses, os meus filhos hoje em dia, já tem um com vinte anos, está com vinte anos e nunca trabalhou, eu com dezessete anos já estava,

<sup>1</sup> Na literatura linguística, em pesquisas funcionalistas que focalizam os itens *aqui*, *aí*, *ali* e *lá*, tais itens têm sido designados como advérbios pronominais locativos (Aguiar, 2010, 2011), pronomes adverbiais locativos (Oliveira; Aguiar, 2009) ou pronomes locativos (Oliveira, 2012; Araújo, 2015).

com quinze, dezesseis anos já estava trabalhando, eu tirei o meu curso de, curso do ginásio todo à noite. (PEPP, Inq. 24, masculino, 51 anos, médio, p. 265)

(2) DOC: A gente nunca sabe, né?

19: A gente nunca sabe, então depois desse dia melhorou depois ela teve outra crise de loucura, depois ela pegou uma televisão grande que ela tinha e trocou por um terreno com **esse homem aí** no Pernambués. (PEPP, Inq. 19, feminino, 29 anos, fundamental, p. 171)

(3) 40: Muito gasto, o carnaval é outro gasto, onde qual toda a população, toda a humanidade se volta para **aquilo ali**, praticamente a granja mais a renda do governo, não é? eles tiram para ornamentar a cidade e ao mesmo tempo ele lucra através daquelas pessoas que vai participar dessa festa, e tudo que assim que nós compramos nós pagamos impostos. (PEPP, Inq. 40, masculino, 28 anos, fundamental, p. 159)

(4) Mas eu acho que sei lá, sapato vermelho está bem assim mais pra sair né, eu também estou com **um sapato vermelho lá** né, mas visto com uma blusinha vermelha pra sair, mas não pra ir pro colégio, sapato vermelho, eu não sei, eu acho que o colégio pede mais um, um tênis. (PEPP, Inq. 12, feminino, 20 anos, médio, p. 147)

Alicerçando-nos nos pressupostos da abordagem funcionalista da gramaticalização e em ocorrências empíricas como as de (1) a (4), neste trabalho, à esteira de Jesus (2022), investigamos, na fala popular soteropolitana, os usos (gramaticalizados ou não) dos pronomes locativos *aqui*, *aí*, *ali* e *lá* pospostos a SN<sup>2</sup>. Do ponto de vista metodológico, utilizamos, como *corpus*, dezesseis inquéritos do banco de dados do Programa de Estudos sobre o Português Popular de Salvador – PEPP (Lopes; Souza; Souza, 2009). Para a análise do fenômeno, valemo-nos da abordagem qualiquantitativa dos dados, no que tem sido denominado de método misto (Cunha Lacerda, 2016).

Visando à descrição do nosso objeto de estudo, estruturamos este texto em três seções, além desta introdução. Inicialmente, apresentamos a base teórica que sustenta nossa investigação, centrada em princípios do funcionalismo linguístico norte-americano, sob a ótica da abordagem clássica da gramaticalização (Hopper, 1991; Hopper; Traugott, 2003 [1993]; Martelotta; Votre; Cezario, 1996). Posteriormente, detalhamos os aspectos metodológicos da pesquisa, explicitando o *corpus* selecionado e os procedimentos empregados na análise. Em seguida, procedemos à discussão qualiquantitativa dos resultados obtidos no tocante aos padrões funcionais dos pronomes locativos estudados e ao seu processo de gramaticalização. Na sequência, correlacionamos tais padrões

---

<sup>2</sup> Neste texto, apresentamos resultados parciais da dissertação de Mestrado intitulada *Pronomes locativos pospostos a sintagmas nominais: padrões funcionais e gramaticalização na fala popular de Salvador-Ba*, desenvolvida por Amanda Almeida de Jesus, sob a orientação da Professora Cristina dos Santos Carvalho, defendida no PPGEL/UNEB, no ano de 2022.

funcionais aos parâmetros linguísticos controlados (classe gramatical, grau e animacidade do núcleo do SN e pronome locativo) e verificamos os contextos motivadores dos usos mais e menos gramaticalizados. Por fim, apresentamos as considerações finais sobre o fenômeno estudado e as referências que embasam o trabalho.

## **2 APORTE TEÓRICO: ABORDAGEM FUNCIONALISTA DA GRAMATICALIZAÇÃO**

Para o funcionalismo linguístico, a língua é concebida como um sistema adaptativo (Du Bois, 1985) complexo, caracterizado por dinamicidade e heterogeneidade intrínsecas a todas as línguas humanas. Assim, as funções das formas linguísticas são vistas como flexíveis e sujeitas às pressões do uso. Nessa direção, Furtado da Cunha (2013, p. 158) afirma que o funcionalismo linguístico “se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas”.

Os estudiosos do modelo funcionalista de orientação norte-americana associam esse caráter mutável e heterogêneo da língua à noção de “gramática emergente” (Hopper, 1987), compreendendo que a gramática de uma língua está sempre a serviço do discurso e por ele é moldada, a partir do uso que os falantes fazem da língua (Martelotta, 2011). Considerando esse caráter adaptativo da língua, Martelotta (2011, p. 27) argumenta que o processo de mudança linguística deve ser visto como “um fenômeno essencialmente funcional, no sentido de que está relacionado às estratégias comunicativas que os usuários utilizam nos diferentes eventos de uso”.

Os funcionalistas preconizam o estudo da língua em situações comunicativas reais, articulando componentes pragmáticos, semânticos e sintáticos nas análises. Nessa perspectiva, são os usos da língua pelos falantes que, ao longo do tempo, formam e modificam o sistema. Sobre isso, Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2015, p. 21) postulam que “a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, ou seja, a estrutura é motivada pela situação comunicativa”.

Ao examinar a língua em uso, estudos dentro da corrente funcionalista norte-americana têm focado, entre os processos de mudança linguística, a gramaticalização. Conforme Hopper e Traugott (2003[1993]), o fenômeno da gramaticalização é “compreendido como um processo através do qual itens e construções lexicais, em determinados contextos linguísticos, assumem funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais” (Hopper; Traugott, 2003[1993], p. 1)<sup>3</sup>.

Nesse contexto teórico, baseando-nos nas palavras de Hopper e Traugott (2003 [1993]), Martelotta, Votre e Cezario (1996) e Martelotta (2011), itens lexicais equivalem a elementos que fazem referência a dados do universo bio-psíquico-social, representando

---

<sup>3</sup> “[...] concerned with such questions as how lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions or how grammatical itens develop new grammatical functions” (Hopper; Traugott, 2003 [1993], p. 1).

entidades, qualidades e ações; nesse caso, incluem-se os substantivos, os adjetivos e os chamados verbos plenos. Já os itens gramaticais, como o próprio rótulo sinaliza, marcam funções gramaticais, sendo responsáveis por organizar os itens do léxico no discurso. Assim, estabelecem relações lógicas entre sintagmas e orações, identificam partes mencionadas ou por mencionar e expressam noções de tempo, aspecto e modalização, entre outras funções; inserem-se, nesse rol, as conjunções, as preposições, os pronomes, os verbos auxiliares e modais, entre outras categorias linguísticas.

A respeito da dicotomia item lexical *versus* item gramatical, Gonçalves *et al.* (2007, p. 17) ressaltam que essa distinção “serve simplesmente para diferenciar o conjunto de propriedades que identifica uma e outra categoria, o que não deve expressar um entendimento de que se está tratando a língua como portadora de categorias discretas”. Uma evidência empírica dessa não discretude e da gradiência das categorias linguísticas é o próprio processo de gramaticalização, que implica reanálise categorial.

Correlacionando a noção de gradualidade da mudança linguística à gramaticalização, Hopper e Traugott (2003[1993]) estabelecem o conceito de *cline* para esse processo. Assim, no intuito de explicar como funcionam os estágios de mudança, os autores definem um *cline* como uma escala que pode ter implicações sincrônicas (quando se utiliza a linha imaginária para explicar que, em uma extremidade, encontram-se as formas lexicais e, na outra, as formas gramaticais) e diacrônicas (entendidas como o caminho natural sobre o qual as formas evoluem). Em outras palavras, os teóricos destacam que há estágios no processo de gramaticalização e, para ilustrar a gradualidade desse processo, elaboraram o seguinte *cline*: item lexical de conteúdo > palavra gramatical > clítico > afixo flexional (Hopper; Traugott, 2003 [1993], p.103). Nesse *cline*, o princípio da *unidirecionalidade* é evidenciado, visto que a mudança ocorre da esquerda para direita, sendo o item da esquerda mais lexical e, por sua vez, o item da direita mais gramatical.

Uma outra trajetória de gramaticalização, proposta por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), remete a um processo de abstratização semântica na gramaticalização: pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade. Partindo desse pressuposto, as mudanças são operadas da esquerda para a direita, indo de categorias cognitivas mais próximas do indivíduo, mais concretas, para categorias cognitivas mais distantes, menos concretas.

Martelotta e Rêgo (1996), à esteira de Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), defendem, no que tange à gramaticalização do *lá*, que o valor espacial é o ponto de partida para esse processo que segue a trajetória espaço > (tempo) > texto, na qual o elemento vai perdendo o seu valor espacial para assumir novas funções gramaticais. Nos termos de Martelotta e Rêgo (1996, p. 12), em casos como esses, “um determinado elemento com valor espacial passa a assumir valores temporais e, progressiva e concomitantemente, valores textuais, ou segue diretamente do espaço para o texto, passando a organizar argumentos e/ou a assumir funções interativas”. A ocorrência apresentada em (5), retirada da amostra analisada, demonstra a mudança espaço > texto:

- (5) a. DOC2: Não é ali no, na feira? Naquele lugar da feira de, de São Joaquim, por ali?

14: É um pouquinho mais pra **lá**, ali naquele lugar, pra aí ver, o que diz aí os livros é que todas as incidências de mordida de cação nas pessoas que foram atacadas tem um, um ponto em comum é que a água estava escura, esse é o ponto básico, nunca ocorreu um ataque de cação na pessoa com água limpa, com exceção lá da Austrália com aquele cação, chamado cação branco que aquilo ali é um caso a parte. (PEPP, Inq. 14, masculino, 73 anos, médio, p. 348)

b. 14: Ah, aí passei um, **uma temporada lá no Rio** né, aí até que peguei depois, liberaram pra ir pra escola, e lá na escola, aí foi um período interessante lá na escola, porque o regime era muito duro porque tinha que estudar pra valer. (PEPP, Inq. 14, masculino, 73 anos, médio, p. 339)

Em (5a), observamos que a função dêitica é clara, uma vez que o pronome locativo é utilizado para apontar, localizar espacialmente o espaço físico que o falante se refere. Em (5b), por outro lado, o pronome *lá*, perde seu valor semântico de localizador espacial, e, nesse uso, é empregado com o valor catafórico, tendo seu referente preenchido no contexto seguinte (*no Rio*).

Com o objetivo de comprovar o caráter gradual da gramaticalização, Hopper (1991) delinea cinco princípios de gramaticalização: *estratificação*, *divergência*, *especialização*, *persistência* e *decatégorização*. Explicaremos esses princípios a seguir e mostraremos, sempre que possível e pertinente, a sua atuação no nosso objeto de estudo nas seções 4 e 5 deste trabalho, na qual apresentamos os resultados da análise qualiquantitativa dos dados.

O princípio da *estratificação* preconiza que “novas camadas estão surgindo continuamente. Quando isso acontece, as camadas mais antigas não são necessariamente descartadas, mas podem permanecer para coexistir e interagir com as camadas mais recentes” (Hopper, 1991, p. 22)<sup>4</sup>. Em outros termos, o surgimento de novas camadas não implica necessariamente o descarte das antigas, que podem coexistir com as camadas antigas dentro do mesmo domínio funcional (Hopper, 1991).

Sobre a *divergência*, Hopper (1991, p. 22) propõe que ainda que “uma forma lexical sofra gramaticalização para clítico ou afixo, a forma lexical original pode permanecer como um elemento autônomo e sofrer as mesmas mudanças como itens lexicais comuns”<sup>5</sup>. Nesse contexto, a divergência trata da coexistência entre a forma fonte e a forma gramaticalizada, podendo um item fonte do processo de gramaticalização manter suas propriedades originais, coexistindo com a forma gramaticalizada, sendo possível, inclusive, passar por um novo processo de gramaticalização. Em outros termos, a divergência trata da possibilidade de uma mesma forma atender a funções divergentes.

O princípio da *especialização* refere-se à relação entre frequência de uso da forma gramaticalizada em prejuízo de formas que pertencem ao mesmo domínio. Desse modo, “à medida que a gramaticalização ocorre, essa variedade de escolhas formais diminui e um

<sup>4</sup> “[...] new layers are continually emerging. As this happens, the older layers are not necessarily discarded, but may remain to coexist with and interact with the newer layers” (Hopper, 1991, p. 22).

<sup>5</sup> “[...] a lexical form undergoes grammaticalization to a clitic or affix, the original lexical form may remain as an autonomous element and undergo the same changes as ordinary lexical items” (Hopper, 1991, p. 22)

menor número de formas selecionadas assume significados gramaticais mais gerais (Hopper, 1991, p. 22)<sup>6</sup>.

A *persistência*, como o próprio nome propõe, estabelece que traços pertencentes à forma fonte podem permanecer na forma gramaticalizada (Hopper, 1991). Tal persistência pode provocar restrições sintáticas e semânticas no uso das formas gramaticalizadas.

Sobre o princípio da *decatégorização*, Hopper (1991, p. 22) elucida que as “formas sofrendo gramaticalização tendem a perder ou neutralizar os marcadores morfológicos e os privilégios sintáticos” (Hopper, 1991, p. 22)<sup>7</sup>. Em outros termos, representa a passagem de um item de uma categoria gramatical para outra. Isso pressupõe que, ao perder os marcadores morfológicos e as características sintáticas da forma fonte, o item assume as características de outras categorias.

De acordo com Gonçalves *et al.* (2007, p. 79), os princípios de Hopper “acentuam o caráter gradual da gramaticalização, uma vez que conferem aos elementos analisados o grau de ‘mais’ ou ‘menos’ gramaticalizados”. Hopper (1991), no entanto, chama a atenção para o fato de que nem todos os itens em gramaticalização passam por todos esses princípios, uma vez que as mudanças linguísticas não acontecem de forma abrupta.

Ao expor alguns conceitos centrais da gramaticalização nesta seção, podemos perceber que esse fenômeno corresponde a um processo de mudança linguística que modifica propriedades morfossintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas, resultando na alteração do estatuto categorial de determinadas formas/construções linguísticas (Gonçalves *et al.*, 2007). Concluída a apresentação do referencial teórico que fundamenta esta investigação, na seção seguinte, dedicamo-nos à explicitação do caminho metodológico percorrido para o desenvolvimento do estudo.

### 3 METODOLOGIA

Nesta seção, apresentamos o *corpus* e os procedimentos metodológicos utilizados para analisar, na variedade popular de Salvador, o processo de gramaticalização dos pronomes locativos pós SN. No que diz respeito ao *corpus*, valemo-nos, nesta pesquisa, de ocorrências empíricas dos pronomes locativos em exame extraídas do banco de dados do Programa de Estudos sobre o Português Popular de Salvador – PEPP (Lopes; Souza; Souza, 2009). Esse banco de dados foi implementado entre os anos de 1998 e 2000, a partir da necessidade de se estudar a fala popular soteropolitana. O acervo do PEPP é constituído por quarenta e oito inquéritos, dos quais utilizamos, nesta pesquisa, dezesseis, que se encontram transcritos no livro impresso de Lopes, Souza e Souza (2009).

<sup>6</sup> [...] a variety of forms with different semantic nuances may be possible; as grammaticalization takes place, this variety of formal choices narrows and the smaller number of forms selected assume more general grammatical meanings" (Hopper, 1991, p. 23).

<sup>7</sup> “[...] forms undergoing grammaticalization tend to lose or neutralize the morphological markers and syntactic privileges characteristics” (Hopper, 1991, p. 22).

Para a descrição do nosso objeto de investigação, procedemos às etapas metodológicas a seguir: (i) seleção dos dezesseis inquéritos para análise; (ii) levantamento e fichamento dos trechos em que ocorrem o *aqui*, *aí*, *ali* e *lá* pospostos a SN; (iii) categorização dos dados quanto ao padrão funcional – dêitico espacial, fórico (catafórico, anafórico e inferível) e clítico – de cada um dos pronomes locativos; (iv) análise qualiquantitativa dos dados; (v) descrição de cada um dos padrões encontrados para os pronomes locativos e das motivações linguísticas para o uso desses padrões. Para o tratamento estatístico dos dados, lançamos mão do suporte quantitativo *GoldVarb X* (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005).

Para a definição de alguns parâmetros linguísticos, Jesus (2022) baseou-se em pesquisas sobre a gramaticalização de pronomes locativos (Oliveira; Aguiar, 2009; Aguiar, 2010; Confessor, 2013; Gomes, 2020; dentre outras). Desse modo, para a análise da gramaticalização dos pronomes locativos *aqui*, *aí*, *ali* e *lá* no contexto pós SN, dentre os parâmetros linguísticos selecionados por Jesus (2022), levamos em consideração, para este trabalho, quatro: classe gramatical do núcleo do SN, grau do núcleo do SN, animacidade do núcleo do SN e pronome locativo<sup>8</sup>.

Na seção seguinte, passamos a tratar, em um viés qualiquantitativo, dos padrões funcionais encontrados, na fala popular soteropolitana, para os pronomes locativos *aqui*, *aí*, *ali* e *lá* no contexto pós SN e a correlacioná-los ao processo de gramaticalização.

#### **4 PADRÕES FUNCIONAIS DOS PRONOMES LOCATIVOS PÓS SN E GRAMATICALIZAÇÃO NA FALA POPULAR SOTEROPOLITANA**

Como já mencionado, neste estudo, discutimos os resultados da pesquisa empreendida por Jesus (2022), que investigou os usos gramaticalizados – ou não, dos pronomes locativos *aqui*, *aí*, *ali* e *lá* na fala popular soteropolitana. A autora atestou cinco padrões de uso – dêitico espacial, fórico (catafórico, anafórico e inferível) e clítico – para esses pronomes locativos. A seguir, procedemos à caracterização desses cinco padrões, ilustrando cada um desses usos.

##### (a) Dêitico espacial

###### (6) DOC: Forte?

19: Batia, coisa nenhuma, a gente tirava, batia forte, tem uma dentada *aqui* que ela me deu... Olhe, oh... (PEPP, Inq. 19, feminino, 29 anos, fundamental, p. 166)

###### (7) Aqui ela veio, estava trabalhando, ganhando cento, acho que era cento e oitenta no salão de beleza *aí*, teve que tirar outra carteira, a mulher disse “não vou, com

<sup>8</sup> Jesus (2022), em sua pesquisa, controlou, além dos parâmetros linguísticos considerados neste trabalho, os seguintes: (i) tipo de sequência linguística; (ii) presença/ausência e classe gramatical do material interveniente entre o núcleo do SN e o pronome locativo.

essa carteira *aí* você não trabalha, você tira outra, pra eu poder assinar porque eu não vou baixar o seu salário nessa carteira que está *aí*”, então ela teve que fazer isso. (PEPP, Inq. 34, masculino, 66 anos, fundamental, p. 314)

(8) DOC: ... ou negativo, não é? Será que não está relacionado também a questão do, do que você falou no início, a violência. Pode ter, a televisão pode também incentivar, será?

20: Incentiva também. Se vê, como o menino vê, que é, como... como dizem, não é, eh... os meninos não aumentam, o que vê eles não aumentam, então se ele vê ele fica naquilo “pô, você viu minha mãe, o homem *ali* com o revólver na mão? “*Aí* você vê em sua casa, seu próprio pai tem um revólver e ele vê também. Se já passou na televisão *aí* ele vê também. “ah, meu pai, olhe o revólver *ali*” E o pai também já fica preocupado em não deixar no lugar porque fica aquele negócio, de querer até brincar e isso e quilo para saber como é, então muitas vezes a televisão prejudica até o... (PEPP, Inq. 12, feminino, 20 anos, médio, p. 124)

Nos excertos de (6) a (8), os pronomes locativos *aqui*, *aí* e *ali* funcionam como dêiticos espaciais, uma vez que são empregados para se referir espacialmente a elementos do mundo real. Nos termos de Batoréo (2000), a dêixis possibilita situar, localizar e identificar objetos, pessoas, atividades, eventos e processos em relação à situação comunicativa. Em (6), o pronome *aqui* é utilizado pela falante para apontar para uma parte do seu corpo, no intuito de mostrar a dentada que recebeu. Em (7), o falante reconta um diálogo que aconteceu no passado; nesse contexto, o pronome *aí* foi utilizado para estabelecer a referência espacial no momento em que a interação ocorreu, funcionando, portanto, como um dêitico que remete ao espaço compartilhado pelos participantes da cena recontada. De modo semelhante, na ocorrência em (8), verificamos o uso do pronome *ali* também com valor dêitico, retomando um ponto específico do espaço em que a interação aconteceu. Nesse caso, *ali* ancora a fala a uma localização identificável pelos interlocutores originais, indicando que, assim como *aí* em (7), o pronome mantém sua função de referência espacial situada no contexto da enunciação narrada.

Nos dados examinados, só não atestamos o uso dêitico para o pronome *lá* em posição pós SN, entretanto encontramos o seu uso como dêitico em outros contextos morfossintáticos (por exemplo, o pós-verbal).

Entendemos, em consonância com Batoréo (2000), que o padrão dêitico constitui o uso mais básico dos pronomes locativos, já que remete a elementos do mundo concreto. Tal padrão é, então, considerado como o ponto inicial (forma fonte) do percurso de gramaticalização dos pronomes *aqui*, *aí*, *ali* e *lá*, a partir do qual se desenvolvem outras funções, como os empregos fóricos e o uso clítico (Braga; Paiva, 2003; Oliveira; Aguiar, 2009). Ao registrar a convivência entre a forma fonte (dêitica) e as outras funções gramaticalizadas dos pronomes locativos aqui investigados, observamos a atuação do princípio da *divergência* (Hopper, 1991).

(b) Fórico

A literatura linguística define como fóricos usos em que os pronomes locativos passam a desempenhar funções textuais, atuando como recursos que contribuem para a coesão do texto (Martelotta; Rêgo, 1996; Braga; Paiva, 2003 etc.). Em nossa análise, constatamos o emprego dos pronomes *aqui*, *aí*, *ali* e *lá* exercendo tal função, que se divide em três tipos: catafórico, anafórico e um terceiro que denominamos fórico inferível, que serão detalhados a seguir.

(i) Fórico catafórico

(9) A Tibrás *aqui em Arembepe*, era um pó amarelo né, sulfato ferroso que jogava que isso aqui ficava amarelo, um belo, um belo dia eu estava voando de, de Valença pra cá e a gente estava conversando com, com o piloto, num avião pequeno, e ele estava dizendo, “está vendo, isso aí é a Tibrás, até lá no Morro de São Paulo”, então acabou, essa pescaria acabou. (PEPP, Inq. 14, masculino, 73 anos, médio, p. 348)

(10) [...] Hoje em dia as pessoa tem as coisa em casa e sempre acha que não tem as coisa. Nunca quer o que tem em casa. Não é isso? E eu pegava em dinheiro? Onde é que eu ia achar dinheiro, só tinha uma pessoa que já deve ser falecido que as vez o marido trabalhava no shopping *aí no comércio*, era garçom, uma senhora de Salinas, ela ia lá em casa que gostava de mim e dava quando tinha vinte e cinco mil réis, quando tava lá em casa. (PEPP, Inq. 41, feminino, 68 anos, médio, p. 350)

(11) DOC: Você se lembra assim da escola, alguma coisa?

19: Onde eu estudei?

DOC: Era um período ruim ou bom pra você?

19: Era um período bom, era uma escola boa *ali na Avenida Sete*, as Mercês já ouviu falar? (PEPP, Inq. 19, feminino, 29 anos, fundamental, p. 169)

(12) O, o ônibus era pra sair domingo de tarde, depois do almoço, saiu cinco horas da tarde, que foi pro hospital, aqueles hospitais *lá de Sergipe*, pro Nina né, o Instituto médico legal, foi pra polícia, pra delegacia... (PEPP, Inq. 24, homem, 51 anos, média, p. 264)

No padrão catafórico, o pronome locativo funciona como um recurso de coesão textual, que introduz uma informação que será apresentada posteriormente, como demonstrado nos excertos de (9) a (12). Nos referidos exemplos, os sintagmas preposicionais *em Arembepe* (9), *no comércio* (10), *na Avenida Sete* (11) e *de Sergipe* (12) são utilizados para preencher o sentido dos pronomes locativos *aqui*, *aí*, *ali* e *lá*,

respectivamente. Aguiar (2011), recorrendo às palavras de Braga e Paiva (2003), argumenta que essa estratégia é marcada pelo esvaziamento do valor locativo do pronome, que deixa de expressar uma localização por si só e passa a depender de um sintagma preposicionado (SP), também de natureza locativa, para completar sua referência no texto.

Registrámos, em nossa amostra, a atuação dos quatro pronome locativos estudados na função catafórica. Concordamos com Oliveira e Aguiar (2009) e Aguiar (2010, 2011), que o uso catafórico, no que tange ao processo de gramaticalização, corresponde ao primeiro estágio de reanálise categorial dos pronomes locativos, pois, ainda que o tal uso também estabeleça referência a elementos do próprio texto, a distância entre o pronome locativo e seu referente é, em geral, menor do que aquela observada no padrão anafórico.

(ii) Fórico anafórico

(13) Perna ou braço, entendeu, que se você bate na cabeça dá um problema, bate *nas costas* dá um postema *aí*, amanhã ou depois é que eu vou sofrer com ele, né ... mas meu menino (inint) apanhando não...(inint). Então L ... me falou que ele obedeceu, entendeu, apesar de tudo ele obedeceu ontem, foi, “Como foi, L ...?” “Ficou quietinho, cheguei aqui dei banho, liguei a televisão, ficou quieto, meio dia dei o almoço dele... ficou quieto ...” (PEPP, Inq. 19, feminino, 29 anos, fundamental, p. 177)

(14) DOC: Quando fizeram o terminal da Barroquinha já era, já eram os ônibus 41: E *o terminal da Barroquinha*, antes mesmo de ter o terminal, não existe mais, tinha uma funerária *ali*, uma casa de mortuário, mão direita de quem ia, quase em frente a escola Urânia, uma escola que tinha datilografia com professor Osvaldo, um baixinho. (PEPP, Inq. 41, feminino, 68 anos, médio, p. 358)

(15) É, dois anos e meio aqui no, no, que hoje é o *SESC* né, onde foi que eu estudei o segundo colegial *lá*, e sempre boa aluna, que hoje eu não seja, entendeu? (PEPP, Inq. 12, feminino, 20 anos, médio, p. 129)

O padrão anafórico também opera no nível textual e desempenha uma função referencial; o que se altera é a posição do referente, que aparece antes do pronome locativo na organização do texto. Nos termos de Aguiar (2010, p. 84), nesse uso, “os pronomes locativos recuperam uma informação anterior para fornecer maior coesão ao texto”. Nos excertos de (13) a (15), o *aí*, *ali* e *lá* recuperam informações já mencionadas na estrutura textual – *nas costas* (13), *o terminal da Barroquinha* (14) e *SESC* (15), respectivamente.

Consideramos o padrão anafórico o segundo estágio da gramaticalização dos pronomes locativos, visto que identificamos características semânticas e sintáticas que já contribuem para a reanálise do pronome locativo; nesse uso, o referente já se encontra mais distante do pronome locativo. Esse distanciamento cria condições para que o vínculo entre o pronome e o referente se torne progressivamente menos transparente. Desse

modo, acreditamos que esse afastamento configuraria uma primeira motivação para que, em estágios subsequentes de gramaticalização, essa referência possa se enfraquecer ou até mesmo se perder.

(iii) Fórico inferível

(16) As conversas são outras, totalmente diferentes, antigamente a gente tinha medo, por exemplo, se a gente tivesse falando de algum menino pra mim a minha mãe estava atrás de mim, a mãe dela estava atrás dela, estava todo mundo *ali* ouvindo, e hoje em dia não, a gente, a gente ficou, nós brincamos, minha irmã mesmo com esse negócio todo mas minha irmã chupou chupetinha, biquinho até treze anos de idade, eu não, eu fui até os cinco porque eu cheguei um dia no médico, e a médica falou, “ainda está chupando bico? (PEPP, Inq. 12, feminino, 20 anos, médio, p. 143)

(17)DOC: Você acha que a madrinha influencia.

12: Não, não é que influencia, eu não achei que, que influenciou porque, é, pode até ser né, porque, sei lá, elas *lá*, as vezes minha irmã passa muito tempo com a madrinha dela, assim finais de semana, férias, aí possa até ser que lá, ela lá enfiada está influenciando, mas eu não, assim, eu acho assim que ela puxou. (PEPP, Inq. 12, feminino, 20 anos, médio, p. 138)

Baseando-nos no que Martelotta e Rêgo (1996) e Araújo (2015) denominam de espacial inferível, registramos, em nosso *corpus*, um uso dos pronomes locativos que rotulamos como fórico inferível, como podemos ver nas ocorrências em (16) e (17). Em (16), a informante, ao lembrar fatos da sua adolescência, conta que tinha medo de conversar sobre meninos, pois acreditava que sua mãe pudesse escutá-la; assim, podemos associar *todo mundo ali* ao local onde a conversa estaria acontecendo. Nesse contexto, mesmo sem citar onde *todo mundo* estaria, é possível que façamos a inferência. Algo parecido ocorre em (17), pois a informante argumenta que sua irmã passa muito tempo com a madrinha e isso pode influenciá-la; *elas lá*, nesse caso, refere-se à casa da madrinha onde as duas passavam muito tempo juntas.

A partir de (16) e (17), observamos, então, que, no padrão funcional fórico, os pronomes locativos remetem a informações cujo acesso depende de processos inferenciais; trata-se de referências construídas a partir de dados disponíveis na superfície textual, que funcionam como pistas para a recuperação do referente. Em outras palavras, o texto não apresenta explicitamente o elemento ao qual o pronome se refere; cabe ao interlocutor preencher, por meio de informações distribuídas no contexto, essa lacuna referencial. Essa ausência de referente explícito confere ao uso um grau mais elevado de abstração e, do ponto de vista da gramaticalização, esse uso revela um estágio avançado do processo, devido ao esvaziamento semântico, no qual o valor locativo original não pode ser recuperado.

Esteadas em Oliveira e Aguiar (2009) e Aguiar (2010), acreditamos que o inferível representa a última etapa do processo de reanálise categorial dos pronomes locativos empregados como elementos fóricos, devido ao nível de abstratização que estabelece com o seu referente, que, como já mencionamos, não está explicitado no texto, mas pode ser recuperado por meio das pistas textuais.

Nos usos fóricos dos pronomes locativos, acreditamos, em consonância com Aguiar (2010), que há um percurso abstratização associado à posição dos referentes no texto. Como aponta a autora, no uso catafórico, o referente aparece imediatamente após o pronome locativo, o que garante uma relação de maior integração semântica entre os dois elementos. Já no uso anafórico, inicia-se um processo de afastamento: o referente encontra-se sempre antes do pronome locativo, que, embora ainda mantenha a referência explícita, já indica o começo da reanálise categorial desses itens. A autora, apoiando-se no subprincípio da proximidade ou integração, afirma que “os conceitos que estão mais integrados conceptual, funcional ou cognitivamente também se apresentam com maior integração morfossintática” (Aguiar, 2010, p. 86).

Desse modo, a distância textual entre o referente e o pronome locativo que o retoma abre espaço para que se realize uma desvinculação entre esses itens, que favorece a emergência de novos usos gramaticais, incluindo a reanálise do pronome locativo como um clítico, na construção SN + loc.

### c) Clítico

(18) Foi a partir daí, uma dor tão grande, depois que I ... começou com essa dor também depois que ela mandou uma comida pra minha mãe. Ela começou com essas dores *aqui*, começou, começou, nessa época tinha um programa evangélico, mas que, hoje em dia, tem na televisão esses programas evangélicos, mas antigamente era só no rádio, aí minha mãe pegou, botou aquele copo com água de junto do rádio e com a dor que ela estava sentindo que não tinha mais remédio pra ela tomar, ela tomou esse ... essa água depois da oração... (PEPP, Inq. 19, feminino, 29 anos, fundamental, p. 171)

(19) DOC: Em que sentido você quer educar melhor?

18: Eh, educar melhor é sentir ele respeitar as pessoas de idade que eu não respeitei, botar ele pra estudar até ele se formar, que eu não consegui, e ver se ele pratica algum esporte *ai* pra ele ser alguma coisa na vida, porque se trabalhar de peão igual a mim ele vai morrer e não vai ter nada. (PEPP, Inq. 18, masculino, 23 anos, fundamental, p. 84)

(20) [...] Então elas tão *ai* vivendo, olha, você pode ser, estudar, ser o que você realmente deseja ser, ele ajuda a você, vai ter filhos, crescer, tal, vão estar nesse sistema todo *ai*, mas você sabe que o mais importante disso tudo pra vocês, é a sua comunhão com ele, e cada uma tem uma comunhão diferente, elas me passam mensagem, tem hora que eu estou assim numa, numa depressão, coisa

assim, eh, eh, da vida, e a menorzinha chega pra mim, mãe vamos fazer uma oração, eu não tô nem pra orar, mãe espera aí, eu oro, e chega e fala, papai do céu abençoa a minha mãe. É, cinco anos assim na mesa, abençoa ela, meu pai, ajuda ela a fazer isso, aquilo outro, puxa aquela oração *ali* levanta, que eu digo, olha Deus...(Inint...) (PEPP, Inq. 23, feminino, 34 anos, médio, p. 210)

- (21) É tudo que eu falo com ela. Eles todos... eles todos são assim, quando eu falo, converso, invento até história para acreditar, entendeu? Ela acredita, aí eu fiz assim: “Olha, Sheila”, ela foi brincar com uma menina *lá*, aí eu peguei uma planta botei no pé de Sheila de (inint.), aí a menina pegou botou na mesa, uma mesa que tem *lá* na porta para brincar. Aí fiz: “venha cá quem pegou esse pé de (inint.) e botou em cima da mesa para brincar?” minha menina fez: “foi A. P.”, eu disse: “oh, A. P. quer brincar pegue as outras coisas para brincar, mas não se pega planta para brincar não, pega o brinquedo de vocês, pegue um bocado de folha de galho e bote dentro de um copo descartável, ou da garrafa descartável e faça de jarro, mas minha planta não pegue não”. (PEPP, Inq. 36, mulher, 45 anos, fundamental, p. 247)

No padrão clítico, conforme exemplificado nos excertos de (18) a (21), o pronome locativo encontra-se fortemente vinculado ao SN que o antecede formando a construção SN + loc, não sendo possível separar o *aquí, aí, ali e lá* do SN. Aguiar (2010, p. 88) adverte que, nesse padrão, os pronomes locativos “[...]estão mais esvaziados de sentido espacial e se unem a outros termos, como formas dependentes, num construto unitário de sentido e forma”. Nos dados ilustrados de (18) a (21), o pronome locativo integra os SN que o antecedem e modificam o núcleo desses sintagmas – *dores* (18), *esporte* (19), *oração* (20) e *menina* (21).

No uso como clítico, o pronome locativo funciona como um marcador de especificidade (Aguiar, 2009; Confessor, 2013), que, como o próprio nome indica, especifica o referente do SN. Podemos perceber ainda que, em tais usos, o pronome locativo atuando em função clítica não permite mudança de ordem dos elementos ou a inserção de informações entre o SN e o pronome locativo, pois havendo a alteração na posição do pronome locativo, ele deixaria de atuar como clítico e, conseqüentemente, de funcionar como marcador de especificidade do SN.

O padrão funcional clítico constitui o estágio mais abstratizado e, portanto, o mais avançado na escala de gramaticalização dos pronomes locativos. Nesse nível, já não é possível recuperar quaisquer traços dêiticos ou fóricos originalmente associados aos pronomes *aquí, aí, ali e lá*. Em outras palavras, esses itens deixam de remeter a um espaço real ou a um referente textual e passam a funcionar como elementos essencialmente gramaticais. Nesse sentido, esses quatro elementos mudam para outra classe gramatical, a dos clíticos; com isso, características típicas dos advérbios (por exemplo, a mobilidade posicional) são eliminadas. Assim, devido às pressões metonímicas, acontece a reanálise categorial, cumprindo-se a trajetória de gramaticalização advérbio > clítico.

Em relação à distribuição das ocorrências, registramos, na amostra, 200 dados<sup>9</sup> de pronomes locativos pospostos a SN, subdivididos nos cinco padrões funcionais explicados anteriormente, como mostra a Tabela 1.

Tabela 1: Distribuição dos padrões funcionais dos pronomes locativos pospostos a SN na amostra

Padrão funcional	Dêítico espacial	Fórico			Clítico	Total
		Anafórico	Catafórico	Inferível		
Nº	26	41	74	10	49	200
%	13%	20,5%	37%	5%	24,5%	100%

Fonte: Jesus (2022, p. 123).

Os dados expostos na Tabela 1 evidenciam que, no *corpus* examinado, o padrão funcional mais produtivo é o anafórico, correspondendo a 37% do total de ocorrências. Na explicação de Jesus (2022, p. 124), “a maior recorrência desse padrão funcional está atrelada à alta frequência de uso do pronome locativo *lá* na amostra analisada. [...] o *lá*, além de ser o mais produtivo nos dados de fala popular soteropolitana, ocorre mais no padrão funcional fórico anafórico”.

O uso clítico ocupa a segunda posição, com um percentual de 24,5% do total de dados analisados, contrariando a expectativa de que, por representar o uso mais gramaticalizado, fosse o mais utilizado pelos falantes da variedade popular de Salvador. Nesse sentido, os resultados obtidos representam uma contraevidência do postulado acerca da correlação entre frequência de uso e gramaticalização, proposto por Bybee (2003), que prevê que quanto mais frequente é o uso de uma forma ou construção, mais chance ela tem de se gramaticalizar.

Analisando o padrão catafórico e o fórico inferível, observamos, nesses padrões funcionais, comportamentos diferentes: 20% das ocorrências no uso catafórico e 5% dos dados no uso fórico inferível, que apresenta a menor ocorrência na amostra. Já o uso dêítico espacial (função fonte do processo de gramaticalização dos pronomes locativos) representa 13% do total das ocorrências analisadas.

Algumas considerações podem ser tecidas acerca da relação entre os padrões funcionais e o processo de gramaticalização: (i) como já mencionado, com o registro da função fonte e das demais funções gramaticalizadas nos dados analisados, podemos observar, na fala popular soteropolitana, a atuação do princípio da *divergência* (Hopper, 1991); (ii) os padrões funcionais dêítico espacial e fóricos ilustram a trajetória de gramaticalização espaço > (tempo) > texto (Heine; Claudi; Hünemeyer, 1991): a gramaticalização do pronome adverbial locativo parte, então, do seu valor dêítico espacial, que remete a entidades, lugares ou participantes situados espaço da enunciação, para o uso gramaticalizado que ocorre como elemento fórico – catafórico, anafórico e inferível

<sup>9</sup> Jesus (2022) atestou 10 ocorrências de casos de contextos ambíguos com pronomes locativos pospostos ao SN, com a superposição dos seguintes padrões funcionais: (i) dêítico e clítico; (ii) anafórico e clítico. Na pesquisa da autora, tais ocorrências não foram submetidas à análise quantitativa, tendo sido descritas apenas qualitativamente.

– no texto, tais usos representam o que os autores citados denominam de metáfora espaço > discurso; (iii) amparando-nos em Braga e Paiva (2003) e em Aguiar (2010), entendemos que, no padrão clítico, se completa a trajetória de gramaticalização advérbio > clítico, resultado final do processo de reanálise sofrido pelos pronomes locativos. Partimos do pressuposto de que, enquanto pertencentes à categoria dos advérbios, os itens aqui analisados desempenham as funções: dêitica, quando situam espacialmente referentes da enunciação, catafórica e anafórica, quando operam como elementos de coesão textual e fórica inferível, quando remetem a referentes recuperáveis por inferência contextual. À medida que esses itens passam pelo processo de gramaticalização, ocorre a mudança categorial (de advérbio para clítico). (iv) Assim como já foi observado em dados de outras cidades brasileiras (Niterói, Rio de Janeiro, Natal) analisados por Oliveira e Aguiar (2009) e Confessor (2013), os dados da nossa amostra confirmam que, na função clítica, o pronome locativo sofre uma *decategorização* (Hopper, 1991), passando a atuar na especificação do SN.

Após a discussão dos resultados relativos aos padrões funcionais, na seção seguinte apresentaremos os resultados quantitativos obtidos a partir dos grupos de fatores linguísticos controlados neste estudo para a descrição dos diferentes usos dos pronomes locativos.

## 5 PADRÕES FUNCIONAIS DE PRONOMES LOCATIVOS PÓS SN E ATUAÇÃO DE PARÂMETROS LINGUÍSTICOS

Nesta subseção, com o intuito de identificar os contextos linguísticos mais favoráveis aos padrões funcionais (e sobretudo ao uso mais gramaticalizado) dos pronomes locativos pospostos a SN, discutimos os resultados obtidos para quatro dos parâmetros linguísticos analisados por Jesus (2022): classe gramatical do núcleo do SN; grau do núcleo do SN; animacidade do núcleo do SN e pronome locativo. Como explicado por Jesus (2022), alguns desses parâmetros linguísticos foram selecionados levando em consideração os resultados de pesquisas sobre a gramaticalização dos pronomes locativos (Oliveira; Aguiar, 2009; Aguiar, 2010; Confessor, 2013; Gomes, 2020 etc.).

Quanto à classe gramatical do núcleo do SN ao qual os pronomes locativos se ligam, nos dados examinados, temos substantivos (22) e pronomes, distribuídos entre pessoais (23), demonstrativos (24) e indefinidos (25).

(22) DOC: Dentro do colégio você respeitou o espaço.

24: Respeitou e tal, mas depois na saída peguei ela, peguei ela, negócio de menino mesmo, aí essa menina até hoje, sempre encontro ela na *rua* ali pelo Iguatemi, tal e ela toda fechada. (PEPP, Inq. 24, masculino, 51 anos, médio, p. 259)

(23) É, qualquer tipo de tênis, até na aeronáutica agora, eu servi na aeronáutica. No meu tempo, tinha um sapato, tinha a maratona que você fazia a, física, né? Eu estive lá essa, a semana, mês passado, pra pegar um documento lá meu, todo

mundo de tênis normal, tênis, tênis que se compra na loja fazendo física, cada um com um tipo de tênis, e isso até hoje não estou nem, nem...

DOC: Com cores até diferentes?

24: Cores diferentes, branco, outros com faixa no lado, sabe, esses tênis que se usa na rua.

DOC: Eu sei.

24: *Eles* lá estão fazendo física assim.

DOC: Já modernizados né? (PEPP, Inq. 24, homem, 51 anos, média, p. 269)

(24) Até que eu assisto *telletubies* assim, até que eu gosto dos *telletubies*, mas eu acho que *aquilo* ali é pra bebê né, eu fico pensando assim, meu Deus eu acho que é pra bebê porque a palavra com que, com que eles falam eu acho que só bebê que fica só assim, porque eu acho (PEPP, Inq. 12, feminino, 20 anos, médio, p. 144)

(25) DOC: É, as crianças?

18: Eu acho, né? Porque tem *uns* lá na rua mesmo que qualquer coisinha agora quer bater na gente que é mais velho. (PEPP, Inq. 18, masculino, 23 anos, fundamental, p. 83)

No que se refere aos resultados quantitativos, observamos que, na fala popular de Salvador, a classe gramatical que mais frequentemente ocupa a posição de núcleo do SN é o substantivo (179/196 = 91,3%), em comparação à classe dos pronomes (17/196 = 8,7%). Esse predomínio nos permite inferir que o contexto mais produtivo para os usos constituídos por um SN seguido de um pronome locativo é justamente aquele em que o núcleo é um substantivo.

Ao relacionar os padrões funcionais às classes gramaticais, atestamos que tais padrões se subdividem em dois grupos. O primeiro é formado por padrões em que os substantivos ocorrem mais como núcleos do SN: verificamos uma frequência descendente do clítico (47/179 = 26,3%) para o catafórico (39/179 = 21,8%) e para o dêitico espacial (26/179 = 14,5%). No segundo agrupamento, estão aqueles usos em que os núcleos pronominais foram mais frequentes, com maior predominância no padrão anafórico (11/17 = 64,7%) do que no fórico inferível (3/17 = 17,6%).

Voltando a nossa atenção ao padrão funcional clítico, que como já foi mencionado é a função mais gramaticalizada dos pronomes locativos aqui estudados, a predominância de núcleos substantivos (26,3%) indica que esse tem sido o ambiente mais favorável ao avanço do processo de gramaticalização de tais pronomes. Dessa forma, os resultados reforçam o postulado de Bybee (2020), que argumenta que itens lexicais, especialmente os substantivos, têm servido de fonte para emergência de formas/construções gramaticais.

No que concerne ao parâmetro linguístico grau do núcleo do SN, consideramos, na análise, somente as 179 ocorrências do substantivo como núcleo do SN, já que apenas

essa classe apresentou flexão de grau na amostra. Assim, há dados do grau normal (26) e não normal (27), que engloba casos de diminutivo (27a) e aumentativo (27b)<sup>10</sup>.

(26) Não, não, ele tinha mais corpo do que Popó, mas só que ele, Popó é mais enxuto, tem mais músculos, os músculos de Popó são mais divididos, ele era mais gordinho, mas mesmo assim pra, pra não levar um minuto e o rapaz tomar três quedas, aí tem muita *marmelada* aí, tem muito dinheiro. (PEPP, Inq. 18, masculino, 23 anos, fundamental, p. 87)

(27) a. [...] quando nós voltamos da festa da Conceição as doze e meia pra uma hora da manhã, eu vim assim, parecendo aquelas menininha eh, como é que, mauricinhas, com o meu *bolerinbo* aqui, mas o meu pai estava na porta me esperando, ele não esperou eu chegar não, ele rasgou a minha roupa da onde ele me viu, ele saiu daqui foi lá me encontrar e rasgou na rua, ainda bem que foi de madrugada, aí chorava, me descabelava, mas eu fazia outro. (PEPP, Inq. 17, feminino, 53 anos, médio, p. 286)

b. [...] Aí ele ficava de lá só me paquerando, e as meninas dizia que não, que ele não me queria, que ele só me queria por causa da merenda, olha só, mas olha só, mas ele me ensinava mate, ele me ensinava matemática que eu não sabia, naquele tempo tinha geometria, que eu não sabia, ele fazia os desenhos pra mim legal, e lá eu assinava o meu *nomão* lá, e tirava meu oito, meu nove, meu dez... (PEPP, Inq. 17, mulher, 53 anos, médio, p. 276)

No *corpus*, os núcleos dos SN examinados ocorrem mais no grau normal (166/179 = 92,7%) do que no não normal (13/179 = 7,3%). Quanto aos padrões funcionais, vemos maior ocorrência de núcleos do SN com grau normal no uso anafórico (55/166 = 33,1%), seguido dos padrões clítico (44/166 = 26,5%) e catafórico (38/166 = 22,9%). Com frequências mais baixas, temos os usos dêitico espacial (23/166 = 13,9%) e fórico inferível (6/166 = 3,6%).

Já os poucos casos de núcleo do SN com grau não normal (aumentativo e diminutivo) são, primeiramente, mais atestados no padrão anafórico (6/13 = 46,2%) e, em seguida, nos usos clítico e dêitico espacial, ambos com o mesmo número e percentual de ocorrência (3/13 = 23,1%). Em relação a esses resultados, havia uma expectativa de que os núcleos de SN com grau aumentativo ou diminutivo apresentassem uma maior frequência no padrão funcional clítico, o que não foi confirmado já que percebemos que é o padrão anafórico o mais atestado nesse contexto linguístico.

Quanto ao parâmetro animacidade do núcleo do SN, temos o registro de pronomes locativos que ocorrem junto a núcleos de SN que apontam para referentes com

<sup>10</sup> Após a primeira rodada dos dados, como identificamos uma baixa ocorrência dos graus diminutivo e aumentativo, optamos por amalgamar essas duas possibilidades de flexão de grau no que foi chamado de grau não normal.

os seguintes traços: (i) [+ animado + humano] (28); (ii) [+ animado - humano] (29); (iii) [- animado] (30).

(28) Vai ficar difícil, fica difícil, como está difícil pra eu e pra muitas pessoas aí entrarem, então espero que na época deles tenha mais universidades, mais cursos, mais vagas como Rio, São Paulo, Rio, São Paulo tem n universidades, tem n cursos, n vagas, [...]. (PEPP, Inq. 12, feminino, 20 anos, médio, p. 147)

(29) [...] naquelas árvores, então de manhã aqueles *passarinhos* lá assim cedo, eles piu, piu, piu, era meu relógio. (PEPP, Inq. 37, masculino, 51 anos, fundamental, p. 227)

(30) Era um período bom, era uma *escola* boa ali na Avenida Sete, as Mercês já ouviu falar? (PEPP, Inq. 19, feminino, 29 anos, fundamental, p. 169)

Nos dados examinados, verificamos mais casos de SN com núcleos que se referem a seres não animados ( $133/197 = 67,5\%$ ), conforme exemplificado em (30), do que ocorrências de SN com núcleos que remetem a seres animados humanos ( $56/197 = 28,4\%$ ) e não humanos ( $8/197 = 4,1\%$ ), exemplificados, respectivamente, em (28) e (30).

Os resultados obtidos sinalizam para uma tendência, na fala popular soteropolitana, de os pronomes locativos estudados ocorrerem mais com núcleos de SN com traço [-animado]. Podemos dizer que tais achados se aproximam daqueles registrados na pesquisa de Confessor (2013), que constatou, nos dados da variedade natalense, que há a tendência de os pronomes locativos atrelarem-se a SN em que o substantivo é um nome não humano. Ressaltamos que, no estudo aqui empreendido sobre a fala popular soteropolitana, as ocorrências de núcleos do SN inanimados também representam casos de nomes não humanos.

Relacionando o parâmetro animacidade do núcleo do SN aos padrões funcionais, verificamos que o padrão anafórico apresenta uma boa produtividade em dados de SN cujo núcleo tem os traços [+animado – humano] ( $5/8 = 62,5\%$ ); ainda nesse contexto, mas com uma frequência mais baixa, observamos o fórico inferível ( $2/8 = 25\%$ ). Sobre o padrão anafórico, arriscamo-nos a dizer que esse uso também demonstra uma tendência de ocorrer em dados de SN com núcleo [-animado] ( $53/133 = 39,8\%$ ). Com resultados quantitativos bem próximos, o padrão catafórico se distribui entre núcleos do SN [+animado + humano] ( $13/56 = 23,2\%$ ) e [- animado] ( $27/133 = 20,3\%$ ), sendo o primeiro contexto de animacidade um pouco mais produtivo. O padrão dêitico espacial é mais empregado em casos de SN com núcleo [- animado], ainda que apresente um resultado percentual mais baixo que os demais ( $22/133 = 16,5\%$ ).

Ao analisar exclusivamente o padrão clítico, percebemos uma maior incidência de núcleos com traços [+animado +humano] ( $21/56 = 37,5\%$ ). Esse resultado pode ser interpretado à luz da metáfora distância espacial > distância emocional proposta por Martelotta e Rêgo (1996). Mais precisamente o fato de esses núcleos se referirem a nomes humanos sugere que o emprego do padrão clítico pode funcionar como estratégia do

falante para evitar fornecer informações adicionais sobre determinado referente, o que pode ser entendido como desdém, distanciamento emocional ou desinteresse, como podemos ver em (31). Nesse exemplo, a construção *um namorado aí* é empregada para expressar a mágoa e a tristeza da irmã mais velha com o cunhado (*namorado*), causador do desentendimento entre ela e sua irmã.

- (31) eu sempre tive aquela proteção, eu não posso ver ela, não podia ver ela chorando, não podia ver nada porque eu sempre a minha irmã, minha irmã, minha irmã, mas hoje ela arrumou um *namorado* aí, não está muito boa comigo não, eu não gosto muito do namorado dela, ela acha que, sabe né, quando a gente arranja às vezes um namorado eu acho que só tem olhos pra ele, aí hoje não está muito bem não, eu, eu tenho falta, né? (PEPP, Inq. 12, feminino, 20 anos, médio, p. 124)

A consideração do parâmetro linguístico pronome locativo permitiu constatar, dentre os pronomes locativos analisados, qual é o mais atestado na fala popular soteropolitana e qual está no estágio mais avançado de gramaticalização. Na amostra, entre esses pronomes, o que se destaca com maior frequência de uso é *lá* ( $74/200 = 37\%$ ). Os outros três registram percentuais de ocorrência próximos, na seguinte frequência descendente: *aí* ( $47/200 = 23,5\%$ ), *ali* ( $41/200 = 20,5\%$ ) e *aqui* ( $38/200 = 19\%$ ). Ressaltamos ainda que, no *corpus*, no contexto pós SN, não registramos dados do *lá* e *aqui* nos padrões funcionais dêitico espacial e anafórico, respectivamente.

Apesar de, na amostra analisada, os quatro pronomes locativos investigados exibirem um comportamento multifuncional, nos foi possível verificar que cada um concentra uma maior frequência de uso em um dado padrão funcional. Sendo assim, vemos uma maior ocorrência do *aqui* (32) no padrão dêitico espacial ( $17/19 = 44,7\%$ ), função fonte que possibilitou a reanálise categorial dos pronomes locativos. Já o *aí* (33) se instancia mais no padrão clítico ( $25/47 = 53,2\%$ ), que, como já dito, representa o estágio mais avançado de gramaticalização. Os pronomes *ali* (34) e *lá* (35) são mais empregados como anafóricos ( $24/41 = 58,5\%$  e  $41/74 = 55,4\%$ , respectivamente), que constituem o segundo estágio de gramaticalização dos pronomes locativos.

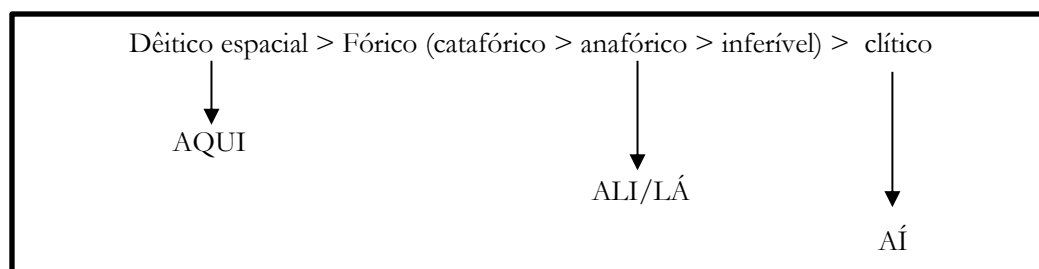
- (32) Delegacia lá o cara mostrou os presos lá. “Olha os presos *aqui* são esses, ele, ele está aí no meio? Não. Eh, no instituto médico legal? Não está. Não afogou não? Não, não houve problema de afogamento, não houve nada. Olha vamos se embora”. [...] (PEPP, Inq. 24, masculino, 51 anos, médio, p. 264)
- (33) [...] O estudo também era, era valorizado antes, porque quando você saía vamos dizer da escola técnica você ia ter um emprego na Petrobrás, em qualquer empresa *aí*, hoje você sai, escola de eletro-mecânica que é hoje cara, [...]. (PEPP, Inq. 24, masculino, 51 anos, médio, p. 273)
- (34) DOC: É por isso que ele procura bem a costa, né?

14: É, mas acontece que ele tem alimento *ali* à vontade, ele não vai se preocupar em pegar o, gente *aí*, está havendo isso em Recife porque houve um desequilíbrio ecológico lá terrível lá na, nas águas de lá e, e deve ter afugentado o alimento deles normal, então ele... (PEPP, Inq. 14, masculino, 73 anos, médio, p. 348)

(35) Ah, hoje em dia são muitos jogos eletrônicos, vídeo cassete, computador, mas naquele tempo não, os meninos, eu me lembro que na escola Parque quando eu estudava na segunda série *lá* a gente fazia carro de mão, fazia os carrinhos de brinquedo, de madeira, *lá* a gente aprendia o ofício de costureira, até hoje eu sei costurar, sei costurar. (PEPP, Inq. 13, masculino, 30 anos, médio, p. 195)

Os resultados quantitativos obtidos para o parâmetro pronome locativo fornecem evidências empíricas para a afirmação de que *aqui*, *aí*, *ali* e *lá*, embora estejam todos envolvidos em processo de mudança via gramaticalização, tendem a se especializar (Hopper, 1991) em um dado ponto da trajetória desse processo, conforme podemos visualizar na Figura 1. É possível que essa especialização esteja relacionada às fontes diacrônicas de cada pronome locativo aqui investigado, o que parece se coadunar com a hipótese de Tavares (2017, p. 190) de que itens gramaticalizados e em variação podem diferir “quanto a seus padrões de distribuição sincrônica porque se desenvolveram de fontes distintas e preservaram traços delas [...]”. Seria, então, necessário realizar um estudo diacrônico sobre os quatro pronomes locativos aqui estudados para observar o percurso histórico desses pronomes do latim ao português e confirmar ou não a referida hipótese.

Figura 1 - Correlação entre frequência de uso dos pronomes locativos *aqui*, *aí*, *ali* e *lá* pospostos a SN e sua trajetória de gramaticalização na fala popular soteropolitana



Fonte: Jesus (2022, p. 139)

Com base na Figura 1, podemos dizer que, na fala popular soteropolitana, dentre os pronomes locativos estudados, o *aí* tem assumido a liderança do processo de gramaticalização. Seguindo essa linha de argumentação, acreditamos que o *aí* deve ter sido o primeiro, dentre os quatro pronomes locativos, a migrar da função espacial para funções mais gramaticalizadas até a reanálise como clítico, devido à alta produtividade nessa função. Podemos ainda considerar que parece estar havendo uma especialização (Hopper, 1991) do *aí* no padrão clítico na variedade soteropolitana. Nossos achados se aproximam daqueles registrados por Confessor (2013) para a variedade natalense do português.

Tendo em vista os resultados encontrados para os quatro parâmetros linguísticos discutidos neste texto, apresentamos o Quadro 1, em que sintetizamos os contextos linguísticos motivadores de cada padrão funcional dos pronomes locativos aqui examinados.

Quadro 1: Contextos linguísticos motivadores dos padrões funcionais na fala popular soteropolitana

Parâmetros linguísticos	Contextos motivadores				
	Dêítico espacial	Fórico			Clítico
		Catafórico	Anafórico	Inferível	
Classe gramatical do núcleo do SN	Substantivo	Substantivo	Pronome	Pronome	Substantivo
Grau do núcleo do SN	Não normal	Normal	Normal e não normal	Normal	Normal e não normal
Animacidade do núcleo do SN	[- animado]	[+animado +humano] [-animado]	[+animado -humano]	[+animado -humano]	[+animado + humano]
Pronome locativo	<i>aqui</i>		<i>ali/lá</i>		<i>aí</i>

Fonte: Adaptado de Jesus (2022, p. 154).

O Quadro 1 nos permite averiguar convergências e divergências dos contextos motivadores dos cinco padrões funcionais dos pronomes locativos aqui examinados. Como já descrevemos esses padrões funcionais quanto à atuação dos quatro parâmetros linguísticos considerados neste trabalho, neste momento, centramos a nossa atenção apenas no padrão clítico, o mais gramaticalizado atestado na amostra analisada. A partir do Quadro 1, podemos evidenciar, variedade soteropolitana, as seguintes motivações linguísticas para o uso do padrão clítico (36): os pronomes locativos *aqui*, *aí*, *ali* e *lá* se unem a SN cujos núcleos tendem a pertencer à classe gramatical dos substantivos, possuir grau normal e não normal (diminutivo e aumentativo) e os traços [+ animado + humano]; entre os quatro pronomes locativos investigados, o *aí* é o mais empregado.

(36) DOC: É e o senhor, me diga uma coisa, ainda... ainda quer casar?

37: Sei lá, sei lá. DOC:

Quem sabe.

37: Estou aí com uma pessoa *aí*, que ainda eu estou me arranjando para mim, e eu estou numa dificuldade. É mesmo.

DOC: Está com receio?

37: É. Pessoa até direita, uma boa pessoa. (PEPP, Inq. 37, masculino, 51 anos, fundamental, p. 235)

No excerto em (36), constatamos o uso clítico do pronome locativo *aí* atrelado a um SN (*uma pessoa*) que possui como núcleo um substantivo com grau normal e traços [+animado + humano] (*pessoa*). Nessa direção, podemos considerar o exemplo (36) como um dos usos prototípicos do padrão clítico nos dados de fala popular soteropolitana.

Após a discussão aqui apresentada sobre a correlação entre parâmetros linguísticos e padrões funcionais dos pronomes locativos *aqui*, *aí*, *ali* e *lá*, na seção que segue, tecemos as nossas considerações finais a respeito do nosso objeto de estudo.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, propusemo-nos a investigar, a partir dos resultados de Jesus (2022), os padrões funcionais – gramaticalizados ou não – dos pronomes locativos *aqui*, *aí*, *ali* e *lá* pospostos a SN na fala popular soteropolitana. A análise qualiquantitativa dos dados demonstrou a atuação de cinco padrões funcionais: dêitico espacial, fórico – catafórico, anafórico e inferível – e clítico, encontrados para *aqui*, *aí*, *ali* e *lá* no contexto pós SN, que foram descritos na seção 4 deste trabalho.

Quanto à relação entre os padrões funcionais documentados e o processo de gramaticalização, esteando-nos em autores, podemos vinculá-los a duas possíveis trajetórias de gramaticalização: (i) uma primeira trajetória em que o pronome locativo parte do valor dêitico espacial, se gramaticaliza inicialmente em funções fóricas ou textuais e, depois em clítico (Aguiar, 2010), o que pode ser associado ao *cline* de gramaticalização espaço > (tempo) > texto, proposto por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991); (ii) uma trajetória na qual o uso clítico emerge diretamente do valor dêitico espacial, conforme sugerem Braga e Paiva (2003). Nesse sentido, a reanálise categorial dos pronomes locativos *aqui*, *aí*, *ali* e *lá* pode ser vinculada ao *cline* de gramaticalização proposto por Hopper e Traugott (2003 [1993], p. 103): item lexical de conteúdo > palavra gramatical > clítico > afixo flexional. Os dados analisados permitem afirmar que, no âmbito desse *cline*, o processo de reanálise opera do segundo para o terceiro estágio.

Quanto às duas trajetórias de gramaticalização supracitadas, fundamentamos a análise dos pronomes locativos no primeiro *cline*, sintetizado como *dêixis* > *foricidade* > *cliticização* (Aguiar, 2010). Entre os usos fóricos, em conformidade com Aguiar (2010), reconhecemos um processo de crescente abstratização na relação entre o pronome locativo e seu referente, motivado pela posição desse referente no enunciado. No padrão catafórico, o referente aparece imediatamente após o pronome locativo, sendo, portanto, menos abstrato. No padrão anafórico, ao contrário, o referente já foi mencionado anteriormente, instaurando um maior distanciamento entre ele e o pronome locativo. Acreditamos que esse afastamento favoreceu o surgimento do padrão fórico inferível, no qual o referente não é explicitado na estrutura, mas recuperado pelo contexto. Esse grau elevado de abstratização nos permite considerar o uso inferível como o estágio mais

avанçado dentro dos padrões fóricos, constituindo, portanto, o ambiente mais propício à gramaticalização dos pronomes locativos. Assumimos ainda que a emergência do padrão clítico, formando a construção SN + loc, representa o estágio de maior gramaticalização da trajetória. Nesse uso, além da abstratização de sentido, verificamos também a mudança categorial, na qual o pronome locativo deixa de funcionar como advérbio para assumir a função de clítico.

Entendemos que este estudo é relevante, uma vez que apresenta uma descrição acerca dos padrões funcionais assumidos pelos pronomes locativos *aqui, aí, ali* e *lá* pospostos a SN em uma variedade do português brasileiro, mais precisamente na variedade popular falada em Salvador. A partir da análise de dados empíricos, foi possível demonstrar que esses itens vêm passando por um processo de gramaticalização no contexto investigado. Pudemos ainda averiguar, com base na pesquisa de Jesus (2022), outro parâmetro explanatório para a trajetória de gramaticalização dos pronomes locativos em questão, com um novo desdobramento dos estágios de mudança – dêitico espacial > fórico (catafórico > anafórico > inferível) > clítico – com a inserção do padrão fórico inferível nessa trajetória, o que pode ser mais aprofundado em investigações funcionalistas futuras a partir de dados sincrônicos e/ou diacrônicos de outras variedades do português.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, M. T. *Padrões funcionais no uso dos pronomes locativos: uma abordagem construcional*. 2010. 162 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/18957>. Acesso em: 20 mai.2021.
- AGUIAR, M. T. Padrões funcionais no uso de pronomes locativos: uma abordagem construcional. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA, 3., 2011, Uberlândia. *Anais [...]*. v. 2, n. 2. Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível em: [http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2011\\_1704.pdf](http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2011_1704.pdf). Acesso em: 20 out.2021.
- ARAÚJO, D. P. B. de. *A diversidade de usos da partícula LÁ na língua falada no semiárido Baiano*. 2015. 168 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia, 2015.
- BATORÉO, H. *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- BOLINGER, D. *Meaning and form*. London: Longman, 1977.

BRAGA, M. L.; PAIVA, M. da C. de. Do advérbio ao clítico é isso aí. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português brasileiro – contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003, p. 206-212.

CUNHA LACERDA, P. F. A. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 1, 2016, p. 83-101.

CONFESSOR, F. W. *Aí, lá, ali e aqui*: gramaticalização de um paradigma emergente no domínio funcional da especificação nominal. 2013. 198 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

DU BOIS, J. W. Competing motivations. In: HAIMAN, J. (ed.). *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985, p. 343-365.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola, 2015. p. 21- 45.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (Orgs.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola, 2007.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization. A conceptual framework*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P. J. Emergent grammar. *Berkeley Linguistic Society*, v. 13, 1987. p. 139-157.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.). *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins, 1991. p. 17 – 35.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge University Press, 2003[1993].

JESUS, A. A. *Pronomes locativos pospostos a sintagmas nominais: padrões funcionais e gramaticalização na fala popular de Salvador-BA*. 2022. 169 p. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens). Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Bahia, 2022.

LOPES, N. S.; SOUZA, C. M. B.; SOUZA, E. H. P. M. (Org.). *Um estudo da fala popular de Salvador*: PEPP. Salvador: Quarteto, 2009.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTELOTTA, M. E.; RÊGO, L. Gramaticalização de *lá*. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: 1996. p. 237-250.

MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. M. O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. M. (Orgs). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro / UFRJ, 1996. p. 45 – 75.

OLIVEIRA, M. R. Padrões construcionais formados por pronomes locativos no português contemporâneo do Brasil. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 49-61, jun. 2012. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/4473>>. Acesso em: 01 mar.2022.

OLIVEIRA, M. R.; AGUIAR, M.T. A trajetória de gramaticalização advérbio > clítico no uso dos pronomes *aí, ali, aqui* e *lá*. In: OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. (Org.). *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 2009. p. 142-152.

SANKOFF, D. ; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X*: Um aplicativo de regra variável para Macintosh e Windows. Departamento de Linguística, Universidade de Toronto, 2005.

TAVARES, M. A. Variação discursiva e gramaticalização: o controle de condicionamentos semântico-pragmáticos e o princípio da persistência. *Letrônica*. v. 10, n.1, p. 187-199, jan-jun., 2017.

**Recebido em: 28/11/2025**

**Aprovado em: 21/12/2025**

**Publicado em: 08/01/2026**